

Paisagens arqueológicas

1 Recinto Megalítico dos Almendres

É o maior recinto megalítico da Península Ibérica e um dos mais antigos monumentos da Humanidade. A sua origem remonta a cerca de 7.000 anos (V milénio antes de Cristo), época em que surgiram na Europa as primeiras comunidades neolíticas de pastores e agricultores.

O Recinto Megalítico dos Almendres, originalmente de planta em forma de ferradura, aberta a nascente, foi acrescentado e remodelado ao longo do tempo. Hoje subsistem cerca de uma centena de monólitos, alguns deles decorados com covinhas, motivos circulares, serpentiniformes e figurativos, de que a representação do báculo é o mais sugestivo.

É muito provável que a localização deste recinto se relacione com a morfologia da paisagem e com a rede de caminhos naturais nesta zona do território. As últimas interpretações sobre a funcionalidade do monumento apontam para a uma associação à observação dos fenómenos astronómicos elementares, em particular os movimentos anuais do Sol e da Lua, no horizonte.

No contexto destes possíveis alinhamentos astronómicos refira-se a presença do menir dos Almendres, situado junto ao monte homónimo (2). Este menir, que coincide com o alinhamento do nascer do Sol no solstício de verão, é um bom exemplo de uma «pedra solitária» de grande dimensão, decorada com símbolos de poder (báculo), facto que reforça a sua mensagem antropomórfica e de domínio territorial.



3 Anta Grande do Zambujeiro

A Anta Grande do Zambujeiro é uma das maiores construções megalíticas da Europa. A sua construção coincide no tempo com as majestosas pirâmides do Antigo Egito, ou seja, na transição do IV para o III milénio antes de Cristo.

Do ponto de vista estrutural este monumento insere-se no modelo que, com poucas variantes, dominou a arquitetura dolménica peninsular: uma câmara funerária poligonal com sete esteios, laje de fecho (dito «chapéu») e corredor baixo, de extensão variável. Toda a estrutura pétreia estava originalmente coberta por uma enorme *mamoa* de terra e pedras, dando ao monumento o aspeto de uma colina artificial.

As primeiras sociedades sedentárias de pastores e agricultores que a edificaram, durante o Neolítico, encerraram nela um vasto conjunto de artefactos, hoje parcialmente em exibição no Museu de Évora.

4 Villa romana da Tourega

Conjunto arqueológico de uma *villa* romana junto à igreja da Tourega de que se conhece apenas a parte das termas, estas compostas por estruturas de águas frias e quentes. Pelo que a investigação arqueológica já revelou, a termas foram várias vezes remodeladas ao longo do tempo entre os séculos I e IV da nossa era. Desta *villa* é proveniente a importante epígrafe referente à família de Quinto Júlio Máximo, atualmente exposta no Museu de Évora.

Nota: Para aceder ao local é necessário pedir a chave do portão aos proprietários da casa, junto à igreja.



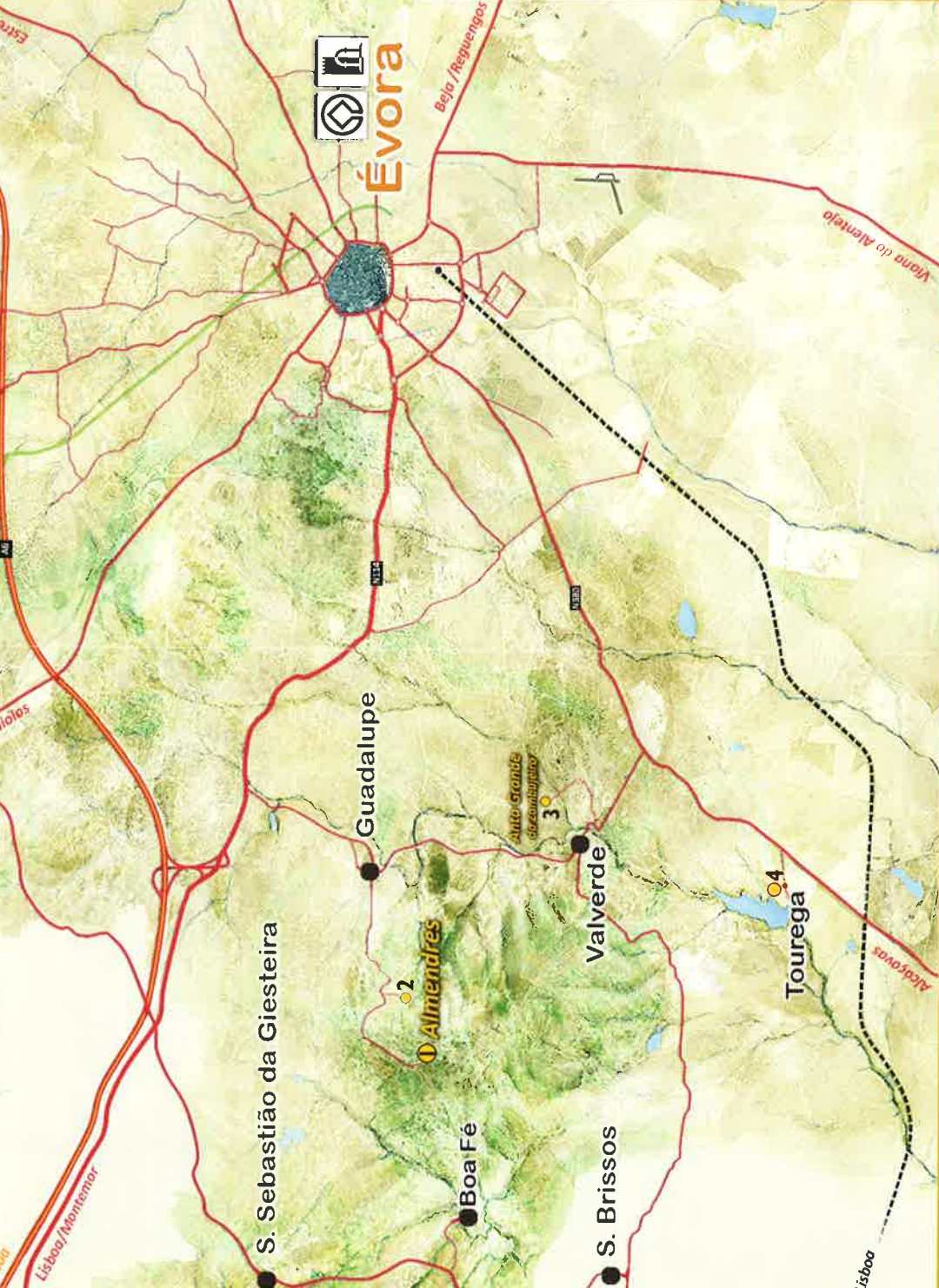
Évora imperdível

paisagens urbanas

peças de arte e devoção

paisagens arqueológicas

sabores tradicionais



Sabores tradicionais

Évora é um dos principais destinos gastronómicos do país. Uma das características da cozinha alentejana é a sua íntima relação com o ciclo natural dos produtos da terra. Por isso, as «comidas de verão» são diversas das «comidas de inverno»; leves e refrescantes as primeiras, fortes e succulentas as segundas. Muitas estão associadas aos ciclos festivos como é o caso do *borrego* (época pascal); outras à ancestral economia doméstica do porco («matança»). Mas, apesar das diferenças entre elas, quase todas têm dois ingredientes fundamentais: o pão alentejano e o sabor único das ervas aromáticas.

Estas são as nossas sugestões imperdíveis:

Açorda Alentejana

Piso de poejo (ou coentro) e alho, a que se junta azeite e água fervente onde se cozeu bacalhau ou pescada. Serve-se com «sopas» (fatias pequenas e grossas) de pão de trigo (já duro) e com ovo escalfado. Disponível ao longo do ano.

Sopa de Tomate

Sopa servida com fatias de pão num caldo aromatizado de tomate e cebola que refugaram na gordura de rodela de linguiça e fatias finas de toucinho. Imprescindível a presença do ovo escalfado e como acompanhamento do prato a fritura das rodela de linguiça e das fatias finas de toucinho. Disponível ao longo do ano.

Sopa de Cação

Sopa servida com fatias de pão num caldo grosso de farinha aromatizado com coentro, e uma posta de cação cozido. Disponível ao longo do ano.

Migas com carne de porco

Prato característico dos meses mais frios, por regra apresentado na forma de migas de pão alentejano aproveitando parte da gordura que resultou da fritura de carne de porco da «matança», dita de «ajudar», temperada com massa de pimentão e servida juntamente com as migas. Decoram o prato rodela de laranja. Disponível todo o ano, mas recomendável de Novembro a Março.

Ensopado de Borrego

Prato característico da época pascal, por isso muito ligado à cultura judaico-cristã. Caldo aromatizado com pedaços de borrego servido com fatias de pão e batata. Disponível todo o ano, mas recomendável de Março a Maio.

Pão de Rala

Doce conventual originário do extinto convento abrense de Santa Helena do Calvário. Tem a forma de um pão e vai a cozer no forno. Os seus ingredientes básicos são: amêndoa ralada, ovos, açúcar e doce de leite. A tradição manda colocar pequenas «azeitonas» feitas de maçaõ escurecidas com cacau. Disponível todo o ano.

Queijadas de Évora

Doce conventual difundido pelos conventos da cidade com característico sabor a queijo. Os seus ingredientes básicos são: queijo fresco, farinha de trigo, gema de ovos, açúcar e manjeira. Disponível todo o ano.

Pão alentejano, queijo de ovelha, azeite e vinho regionais

Produtos característicos do Alentejo presentes na mesa do restaurante. A sua degustação antes da refeição principal é uma excelente oportunidade de descoberta dos sabores genuínos da região, que também os poderá adquirir numa das muitas lojas gourmet do centro histórico de Évora.



Câmara Municipal de Évora

Edição patrocinada, Setembro de 2015

10 A NÃO PERDER,

ERVIDEIRA

Wineshop



Ervideira WineShop
Rua 5 de Outubro, 56
7000 Évora
Tel +351 266 700 402
ervideirawineshop@gmail.com

Adega Ervideira (WINERY)
Herdadinha - Vendinha
7200-042 Requengos de Monsaraz
Tel +351 266 950 010
Fax +351 266 950 011
ervideira@ervideira.pt

www.ervideira.pt



1 Templo Romano e Catedral de Santa Maria

Dois dos maiores arquitectónicos fundamentais da história de Évora estão situados no ponto mais alto da urbe antiga: o templo romano e a catedral. O templo romano data do século I d.C. e as suas ruínas, revalorizadas em 1871 (porque até então incluídas no velho açougue medieval), mostram bem a excepcionalidade do edifício: capitéis de estilo coríntio tallados em mármore de Estremoz; colunas caneladas de granito local e alto pódio, originalmente rodeado de água. Como estrutura sagrada, talvez dedicada ao culto imperial (e não a Diana como imprópriamente faz eco a tradição), o templo estava integrado no fórum romano da *Evora Liberalitas Julia*.

A catedral de Évora, consagrada a Santa Maria, é uma obra de transição românico-gótica, sagrada ao culto em 1308. Nela se conservam elementos artísticos únicos em Portugal: o zimbório com características afins da arte gótica de Espanha e França; o portal esculpado e o claustro, ambas obras do século XIV; o cadeiral do coro alto e o órgão ibérico; ambos do século XVII; e a capela-mor, jóia barroca do reinado D. João V, da primeira metade do século XVIII. Anexo à catedral e reutilizando as antigas dependências do colégio catedralício dos Meninos do Coro situa-se o **Museu de Arte Sacra da Sé de Évora**, que guarda um notável espólio artístico proveniente da Sé e dos principais conventos da cidade.

Siga o percurso azul

2 Aqueduto da Água da Prata

Tem um percurso ambiental associado com a extensão de 8 Km, no entanto o troço de arcaia entre a Porta da Lagoa e a Praça de Girão sintetiza bem a grandezza e o significado histórico desta obra. O Aqueduto nasce a norte de Évora nas fontes do Divor e tem uma extensão total de cerca de 19 Km. Foi edificado entre 1533 e 1537, reinando D. João III, sobre o traçado topográfico do aqueduto romano do qual se conservam escasos vestígios arqueológicos. O seu arquitecto foi o eborense Francisco de Arruda que, pouco mais de uma década antes, havia dirigido a empreitada de construção da conhecida Torre de Belem, em Lisboa.

Seguindo o traçado pela Rua do Cano, Porta Nova e Praça de Sertório, o aqueduto reaparece na Travessa de Sertório numa bela caixa de água, obra atribuída a Miguel de Arruda (c. 1536), que marca a introdução plena do Renascimento na cidade de gosto classicista. A 29 de Março de 1537, uma «quinta-feira de lava-pés», a água correu pela primeira vez na «Praça Grande» (actual Praça de Giraldó). A fonte que hoje a ornamenta já não é a original, mas obra, ainda do século XVI (1570-71), dedicada ao jovem rei D. Sebastião e erigida pelo seu tio-avô, o Cardeal-Infante D. Henrique. **Siga o percurso a verticais**

3 Colégio do Espírito Santo – Universidade de Évora

Deve-se ao rei D. Manuel I a ideia de trazer os «Estudos Gerais» para Évora (1520), desejo que só foi consumado por um dos filhos, o Cardeal-Infante D. Henrique, em 1559. O ensino universitário foi entregue à Companhia de Jesus, tendo como principal objetivo a preparação teológica dos missionários então necessários ao vasto território ultramarino português (África, Ásia e Brasil).

Das grandes obras de meados do séc. XVIII que reformaram o primitivo edifício colégial resultou a actual configuração do *Pátio dos Gerais* (claustro maior) bem como o notável revestimento azulejar das salas de aula que o circundam. No entanto, ainda se conservam estruturas quinhentistas como são os casos da sala do lavabo, cozinha e refeitório.

O vasto conjunto universitário, encerrado em 1759 na sequência da expulsão dos jesuítas do país por ordem do Marquês de Pombal, foi posteriormente utilizado para acomodar vários serviços públicos, reshieldo como Universidade de Évora em 1979. Para aceder ao local prosiga o percurso azul ou laranja.

4 Da Praça de Giraldó ao Largo da Porta de Moura

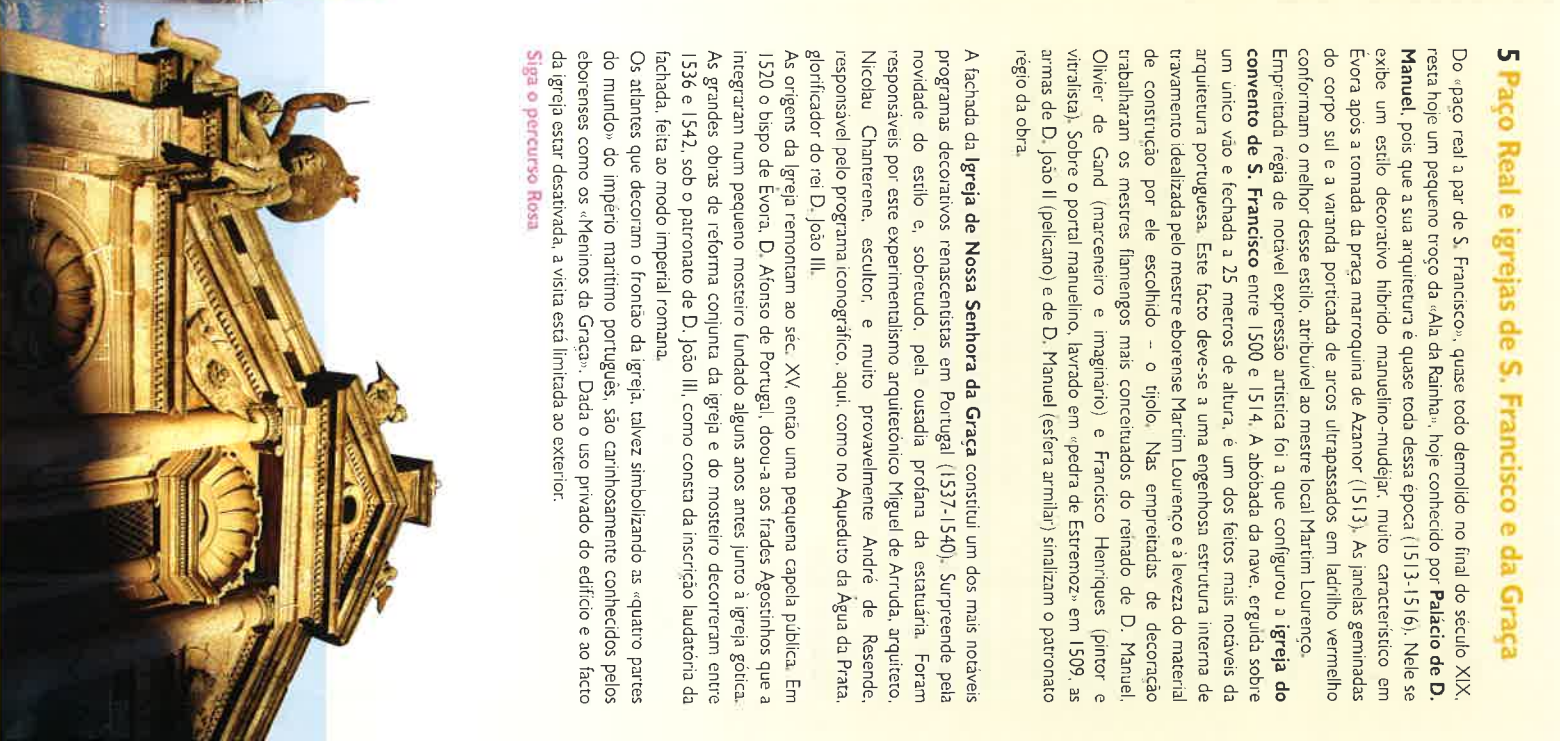
Percurso histórico que liga as duas principais praças públicas da cidade, nascidas junto de duas importantes portas da *cerra velha*, a de Alconchel e a de Moura.

No final do século XIII a *Praça Grande*, hoje Praça de Giraldó, constituiu-se como o mais importante espaço urbano da Évora medieval, facto que permitiu à cidade consolidar uma única centralidade socio-económica, religiosa, política, administrativa e judicial, em tudo semelhante ao fórum romano que existira séculos antes na parte alta da cidade.

A igreja de Santo Antão e a fonte dita «henriqueira», são duas obras marcantes que se devem à iniciativa do Cardeal-Infante D. Henrique. A fonte, inaugurada em 1571, substituiu o antigo chafariz construído em 1537 para receber a primeira Água da Prata; a igreja, edificada sobre a velha ermida medieval de Santo Antoninho, entre 1557 e 1553, tornou-se no modelo da igreja-sala de três naves adotado no sul do país.

Seguindo pelas arcadas da Praça de Giraldó, pelas lagoas de S. Vicente, de Álvaro Velho e da Misericórdia, o visitante chega ao Largo da Porta de Moura. Também aqui o Cardeal-Infante D. Henrique foi quem mais contribuiu para a dignificação deste espaço público com a construção da fonte (1556), associada ao projeto de distribuição da água do Aqueduto. Esta peça, desenhada num estilo já manierista, é obra do arquiteto Diogo de Torralva. Além dela, o largo revela surpresas insuspeitadas pois nele se concentram muitos palácios e casas senhoriais da velha nobreza titulada. Destaque para a mais bela janela manuelina da cidade, que a tradição julga ter sido da casa do poeta e cronista Garcia de Resende; ou ainda para a Casa Cordovil cujo mirante mudéjar, coroado com torriinha cônica e ameias chanfradas, espierita o largo com um indistarcível alarde fidalgo.

Siga o percurso laranja



Peças de arte e devoção

6 Político flamengo da Vida da Virgem, Museu de Évora

Hoje unanimemente considerado um dos mais importantes conjuntos retabulares da arte flamenga de quantos existem na Europa, foi encomenda do bispo D. Afonso de Portugal, c. de 1500, para decorar a capela-mor da Sé de Évora. O político, constituído por treze painéis que retratam a vida de Nossa Senhora e de que o central (e maior) representa a Virgem da Glória, é obra provável de uma importante oficina flamenga de Gent ou de Bruges (Flandres, Bélgica), talvez na órbita artística do grande mestre Gerard David (c.1455-1523).

7 Virgem do Paraíso, Museu de Arte Sacra da Sé de Évora

Peça gótica da arte francesa, produzida talvez nas oficinas de Paris à volta do século XIV. O seu nome decorre da proveniência conhecida – o convento de Nossa Senhora do Paraíso (já desaparecido). De pequena dimensão (39,50 cm x 16 cm), esta notável imagem devocional combina marfim, madeira, prata e perólas. Quando aberta, pois trata-se um «virgem abridiera», contém no seu interior cenas miniatuiais do Nascimento e da Virgem, esculpidas em marfim, técnica muito rara em Portugal e que condiz com a sua muito provável origem francesa.

Uma lenda antiga dá conta de que esta imagem foi trazida por dois peregrinos, os quais terão desaparecido quando a tentavam vender, ficando a convicção no comprador de que os peregrinos, afinal, seriam dois anjos. Uma das hipóteses mais plausíveis é que a Virgem do Paraíso tivesse chegado a Évora no final do século XV, talvez em associação às rotas de peregrinação a Santiago de Compostela, pois conhecem-se paralelos artísticos no norte de Espanha.

8 Capela dos Ossos

Espaço de exibição fúnebre, único nesta dimensão em Portugal e raro no contexto europeu, a Capela dos Ossos é obra promovida pela comunidade franciscana de Évora por volta do século XVII. O edifício de três naves é anterior da época manuelina. Os milhares de ossos expostos, bem como os corpos mumificados, são provenientes do enorme cemitério do adro da igreja de S. Francisco e decoro de outros cemitérios da cidade. A sua mensagem espiritual é clara: «nós ossos que aqui estamos pelos vossos esperamos».

9 Azulejos historiados da Igreja dos Lóios

Na cidade de Évora existem muitos espaços civis e religiosos com notáveis revestimentos azulejares, a maioria correspondendo a grandes empreitadas encomendadas a grandes mestres-pintores que dirigiam oficinas em Lisboa. É o caso do revestimento de azulejos historiados da Igreja dos Lóios da autoria de António Oliveira Bernardes, datado de 1711. A escala e a qualidade dos sete painéis representando episódios da vida de S. Lourenço, patriarca da Ordem de Santo Elói, fiz deste conjunto azulejar um dos mais importantes do país.

